

163 Documento espelha o patético do autoritarismo

Segundo Fernando Henrique, foi uma perda de tempo o Ministério da Justiça discutir um livro como "Autoritarismo e Democratização", que era uma obra acadêmica, e não destinada à massificação

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Este dossiê publicado hoje apenas espelha o patético que foi o período de autoritarismo e, olhe bem, este dossiê se refere à fase do general Geisel, já no fim do regime. Por que patético? É uma perda de tempo imensa o Ministério da Justiça discutir um livro como este — Autoritarismo e Democratização — que é composto por artigos quase todos publicados antes pelo mundo afora, em revistas acadêmicas.

Num dado momento, depois de muita perda de tempo de escravas incompetentes, que estavam vendendo no livro incitação à violência, à luta armada (quando havia até críticas), uma técnica diz: “Olha, não é bem assim, a visão do livro é mais complexa, com uma metodologia difícil. Todo mundo que tem interesse pelo tema já leu esse estudo e não é um livro para ser massificado.” E, no final, chegam à conclusão, no Ministério da Justiça, de que não existia, nem no regime auto-

ritário, nenhum dispositivo legal que permitisse proibir o livro, que era o objetivo.

O livro foi publicado há muitos anos sem ter causado nenhum dos males que foram anunciados.

Ele revê muitas posições e pensamentos da esquerda brasileira, é verdade, mas numa perspectiva, digamos, heterodoxa. Utilizando os instrumentos metodológicos de que eu dispunha, com os quais fui treinado, mas sempre com muita liberdade de espírito. E, seguramente, sempre na defesa do sistema democrático, como fica explícito em vários capítulos.

Fora isso, e um outro dossiê

onde existem partes do que imaginavam ser o meu currículo, na verdade, não passa de um prontuário malfeito. Há coisas também de um ridículo atroz: que eu teria me encontrado com Che

Guevara, no Chile, por exemplo. Infelizmente, nunca vi Che Guevara. Digo, infelizmente, porque se trata de um personagem que valeria a pena ter conhecido pelo

seu destaque na vida latino-americana e mundial. Eu nunca tive contato algum com Che Guevara e as idéias defendidas em seu nome por Regis Debray são opositas às que eu defendi no livro Dependência e Desenvolvimento na América Latina.



Há outra informação ridícula: que eu ajudei a entrar no Brasil “padres sem batina”. Eu não ajudei ninguém a entrar no Brasil, não participei desse tipo de organização naquela época, até porque a minha posição teórica era contrária aos movimentos do tipo subversivo. Eu convivi com muitas pessoas que tiveram essa visão, dei abrigo no Cebrap a pessoas que saíram da prisão, mas que já não tinham ligações com a guerrilha.

É verdade, também, que protestei, sempre que pude, contra a tortura, contra o regime de arbitrio que estava instaurado. Dei solidariedade aos meus companheiros de Cebrap. Muitos foram presos, alguns foram tortu-

rados, eram pessoas que estavam em posição de crítica ao regime, mas crítica aberta, intelectual. Isso tudo mostra, realmente, o quanto o Brasil esteve próximo da barbárie.

E, vou repetir, fico orgulhoso de ter lutado contra um regime de trevas como foi o que tentaram implantar aqui no Brasil. Uma boa parte do dossiê agora publicado, repito, foi no governo Geisel, em uma época, portanto, em que havia uma tentativa, feita pelo próprio governo, de abertura. Mas, de qualquer maneira, o autoritarismo foi superado graças à resistência que muitos de nós fizemos na imprensa, na opinião pública em geral, na universidade, nas ruas.